

# Notícias sobre comunidades indígenas no site Rede Sul Notícias: representações e enquadramentos

Helton Costa<sup>1</sup>

## Resumo

O seguinte artigo visa a análise do enquadramento dado à grupos indígenas pelo site Rede Sul Notícias de Guarapuava, Paraná, entre 01 de fevereiro e 16 de junho de 2014. Ao final espera-se obter um retrato de como a mídia citada noticia os assuntos que envolvem comunidades tradicionais ameríndias. Para atingir esse objetivo, foi feita uma pesquisa dentro da ferramenta de busca do veículo de comunicação e os dados encontrados foram interpretados de acordo com teorias da comunicação que tratavam de representação e enquadramentos de sujeitos pela mídia/jornalismo. O trabalho é uma maneira de mapear de que forma grupos indígenas, que tendem a ser marginalizados e estereotipados pela grande mídia, são tratados em uma mídia local, menor em popularidade nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; Rede Sul; indígena; Paraná; noticiabilidade; enquadramentos

## Resumen

El siguiente artículo tiene como objetivo analizar el marco dado a los grupos indígenas por el sitio de la Rede Sul de Noticias, de Guarapuava, Paraná, entre el 1 de febrero y 16 de junio de 2014. Espera-se al final obtener una imagen de cómo los informes de los medios citados hacen con los asuntos relacionados a las comunidades amerindias tradicionales. Para lograr este objetivo, la investigación se llevó a cabo en el motor de búsqueda de la comunicación del vehículo, y los resultados fueron interpretados de acuerdo con las teorías de la comunicación que se ocupan de la representación y el encuadre de los sujetos en los medios de comunicación / periodismo. El trabajo es una forma de mapeo de cómo los grupos indígenas, que tienden a ser marginados y estereotipados por los medios de comunicación, son tratados en un medio local de comunicación, más pequeño en popularidad nacional.

**PALABRAS CLAVES:** comunicación; Rede Sul; indígena; Paraná; noticiabilidad; encuadre

<sup>1</sup>Professor nos cursos de Jornalismo e Publicidade da Unicentro, Doutorando do programa de pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP; Membro do Grupo JORXXI

## Introdução

O Estado do Paraná possui uma população indígena que corresponde 3,2% da população indígena do Brasil e ocupa a 12ª posição entre as 27 unidades da Federação com maior número de ameríndios. Já dentro do Estado, os índios somam apenas 0,2% da população paranaense, constituída, como lembra Ribeiro (1995), por migrantes de outros Estados e imigrantes, em sua maioria europeus, os ditos “gringos”.

Para reforçar esse ponto de vista, basta citar o número de pessoas que se declararam etnicamente brancas, que foi de 7.344.122 no último levantamento do IBGE em 2010. Os indígenas somaram 25.915 pessoas.

Guarapuava é uma das sedes da Fundação Nacional do Índio – Funai, responsável por cuidar do cumprimento dos direitos das populações tradicionais dos municípios de Inácio Martins, Turvo (Marrecas), Ivaí, Manoel Ribas e Cândido de Abreu, o que totaliza mais de três mil pessoas.

Logo, interessa à essa pesquisa, qual o enquadramento dado às populações indígenas pelo site mais acessado da cidade segundo o medidor “alexa.com”: o Rede Sul de Notícias. Nesse sentido, é um estudo inédito, por ainda não ter sido feito.

De certa forma, é uma aproximação com o Jornalismo Comunitário, do qual fala Freitas (2006) e uma investigação sobre o acesso de grupos “excluídos” aos espaços de mídia, do qual trata Falcone (2004).

Antes de defender os objetivos e metodologias que serão utilizados, é preciso caracterizar o jornal de Internet que será analisado, além daquilo que será entendido como notícia e os possíveis ‘valores notícias’ que poderão ser identificados durante o processo de pesquisa.

### 1. O SITE

O site analisado tem como diretora geral, Izabel Cristina Esteche, que é publicitária. O Editor Responsável é Rogério Thomas, jornalista com registro junto à Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

A sede do jornal é a Rua Guaíra, número 3170, no centro de Guarapuava, Paraná, sob o CEP 85010-010 e telefone (42) 3626 4157. No ambiente virtual são veiculadas notícias locais (sobre a cidade e região), estaduais, nacionais e internacionais. Parte é produção própria do jornal, parte é reprodução do noticiário de outros jornais do Brasil e do mundo.

É um site que em recente análise, se mostrou pouco interativo e não presente no atual momento evolutivo do segmento.

Jornal de Internet: Rede Sul Notícias / URL: <http://www.redesuldenoticias.com.br/>

Data de observação: 19 de agosto de 2013

Hora: 16h03

Avaliador: Helton Costa

Responsável pelas informações complementares do meio: Helton Costa

Em qual das fases evolutivas o jornal se encontra?

1ª                       2ª                       3ª                       4ª                      5ª

Existem um espaço exclusivo para a participação do cidadão, onde o usuário possa interagir e ser claramente identificado pelo meio?

( ) Sim (X) Não

Nome do jornal	A	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
Rede Sul Notícias					X								X

[1] Redes sociais, microblog e busca no site.

Quadro 1 – Análise de interatividade do Rede Sul News

Ferramentas gerais. A saber:

a) enquetes; b) Concurso/Promoções; c) Fóruns; d) Notícias do meio; e) Notícias (avaliação do público e formas de participação); f) Chats; g) Videochats; h) Blogs; i) Consultórios (pergunte ao especialista); j) Fotografias (avaliação do público e formas de participação); k) Vídeos; l) Comunidades; m) E-mail; n) Feed; o) Usabilidade; p) Acessibilidade e ; q) outras.

Todas essas ferramentas podem ser encontradas em jornais de Internet e o item “q” se refere a outro tipo de ferramenta que não faça parte da listagem. (MESO, in PALACIOS, 2011)

O site foi escolhido por ser um dos mais acessados da cidade, segundo o medidor Alexa.com, portanto, representa um elemento importante enquanto objeto de análise para fins acadêmicos.

## Notícia

A notícia é entendida neste trabalho como o produto que resulta do fazer jornalístico, inserido numa cadeia produtiva da informação, como lembra Sousa (2002). O autor defende também que “qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia”. (SOUSA, 2002, p.02)

Além disso, entendemos a notícia enquanto representação de parte da realidade, e não o da dita teoria do espelho, que a entendem como um reflexo dessa realidade. Entendemos que as informações dos sites são fragmentadas e logo, situadas no campo do recorte da realidade. (TRAQUINA, 2008, p.80)

## Noticiabilidade

Sobre noticiabilidade, que é o potencial de um assunto ser transformado em notícia, defendemos que ela envolve fatores que vão desde a estrutura dos jornais (no caso dos sites) até o grau de capacitação dos profissionais do jornalismo/usuários, para que cheguem ao ponto do que Aguiar (2006) chama de “existência pública na formação discursiva denominada notícia” (AGUIAR, 2006, p.05).

Na descrição de Traquina (2008), os critérios de noticiabilidade são valores notícias que os membros da tribo jornalística partilham. São “conjuntos de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir um valor como notícia”. (TRAQUINA, 2008, p.63).

É a partir desses entendimentos que os assuntos veiculados nos dois sites são observados e analisados para os resultados do estudo.

## Os povos

Na região de abrangência da Funai de Guarapuava, vivem as etnias Guarani e Kaingang. Segundo De George (2011), a população Guarani habitava, no século XVI, territórios que compreendiam as “florestas tropicais das bacias do Alto Paraná, do Alto Uruguai e no planalto meridional brasileiro”. Eles se subdividiam em três grupos: Kaiowá, Mbya e Ñdeva. Têm em comum o idioma, com algumas mudanças dialéticas em algumas palavras, a ancestralidade e a forma de organização social. (DE GEORGE, 2011, p.29-30)

No Paraná, foram perseguidos para trabalho como mão de obra para os portugueses e para espanhóis. Porém, com o Tratado de Madrid e a definição das fronteiras entre os dois países, a perseguição reduziu, época em que muitos dos indivíduos escolheram o Paraguai, sob a proteção jesuíta, como local de moradia. (DE GEORGE, 2011, p.31)

No local onde hoje se localiza o Paraná, a etnia Mbya teria se recusado a ir para o Paraguai ou a obter proteção dos padres jesuítas, como ocorrera no Rio Grande do Sul, por exemplo.

Embora controvertidos, os estudos recentes sobre os Guarani apontam que os Mbya descendem dos grupos que não se submeteram aos encomenderos espanhóis e tampouco às missões jesuíticas, refugiando-se nos montes e nas matas subtropicais da região do Guaira paraguaio e dos Sete Povos (LADEIRA, 1997, p. 35).

*Perseguições e conflitos ao longo da história marcam as histórias dos povos que hoje são retratados no site Rede Sul. O aldeamento que hoje é visto com todas as etnias envolvidas, teve início da década de 1920, através do Serviço de Proteção ao Índio, órgão do Estado brasileiro que cuidava dos assuntos indígenas na época. (DE GEORGE, 2011, p.32)*

No atual momento, esses povos Guarani, à exemplo do que acontece com outros povos indígenas do Brasil, passam por um processo de retomada de suas “tekohás”, espaços que definem como “tradicionais”, onde podem fazer seus rituais religiosos, os “jeroky guasu” e onde podem reproduzir formas de organização social dos antepassados.

*Importa observar que os Guarani e Kaiowá têm ligação e conexão direta com os territórios específicos, considerando-se a si e aos territórios como uma só família, dado que o território específico é visto por esses indígenas como humano. Os Guarani e Kaiowá possuem um forte sentimento religioso de pertencimento ao território específico, fundamentado em termos*

*cosmológicos, sob a compreensão religiosa de que os Guarani e Kaiowá foram destinados, em sua origem como humanidade, a viver, usufruir e a cuidar deste território específico, de modo recíproco e mútuo, portanto eles podem até morrer para salvar a terra. Há um compromisso irrenunciável entre os Guarani e Kaiowá e o guardião/protetor da terra, há pacto de diálogo e apoio recíproco e mútuo: os Guarani e Kaiowá protegem e gerenciam os recursos da terra, por sua vez, o guardião da terra vigia e nutre os Guarani e Kaiowá.* (Benites, 2012)

Afastados desses territórios, os indígenas apresentam problemas sociais comparáveis ou maiores que os das periferias mais pobres do Brasil. A taxa de suicídio, por exemplo, é uma das mais altas, 34 vezes acima da média nacional, com incidência maior entre jovens de 15 a 29 anos, tendo sido contabilizada a morte de uma criança de nove anos de idade. (O Globo, 09 de outubro de 2013)

Em 2012, o índice de violência de todos os tipos, de indígenas contra indígenas e de não-índios contra indígenas havia crescido 30% em relação à anos anteriores. Entre esses casos constam “ameaças de morte, de espancamentos e a morosidade em relação a regularização de terras indígenas além da omissão do poder público são alguns pontos citados no relatório como preocupantes”. (Cimi, 2012)

Atualmente, os Gurani totalizariam no Brasil, 31 mil pessoas, sendo os Kaiowá; 7 mil entre os Mbya e 13 mil da parte dos Nandeva. Os Guaranis estão nos Estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Pará e Tocantins. (FUNASA/FUNAI, 2008)

A história dos Kaingang também não é muito diferente. Os contatos com não índios se deram desde o século XVI e os primeiros a serem reduzidos foram os que moravam mais próximos ao litoral do Paraná. Houve fuga para o interior, mas, foram alcançados no final do século XVI e começo do XVII por bandeiras paulistas e expedições de reconhecimento. Os derradeiros golpes vão acontecer no século XVIII.

*As primeiras tentativas de conquista e ocupação efetiva dos campos e florestas pertencentes aos Kaingang se iniciam na província do Paraná (que incluía a maior parte do Estado de Santa Catarina), na segunda metade do século XVIII, com a organização de expedições de conquista. Foram onze expedições organizadas entre 1768 e 1774, pelo Tenente-coronel Afonso Botelho com o objetivo de reconhecer e tomar posse das pastagens naturais existentes no interior da Província. Em 1770, a expedição comandada pelo Tenente Bruno Costa chegou aos campos de Koran-bang-rê (atual Guarapuava). Mais duas chegaram em 1771, uma comandada pelo sertanista Martins Lustosa e outra pelo Tenente Cândido Xavier. Os armamentos incluíam peças de artilharia e todas as armas de guerra da época. Os contatos com os Kaingang do Koran-bang-rê, como resultado da distribuição de presentes, foram inicialmente amistosos. Mas a reação indígena não tardou, ao desconfiarem que a amizade oferecida pelos brancos não era bem intencionada.* (Povos Indígenas do Brasil, 2014)

Na região de Guarapuava os confrontos entre índios e pessoas que tentaram ocupar o território deles no final do século XVIII não foram poucos e uma ocupação não-índia só foi possível a partir da vinda da família real para o Brasil. Relatos de ataques e defesas territoriais ainda hoje persistem.

*“A necessidade de forças e gente para rebater a fúria de tão grande multidão de gentios, que mais cresceria em se juntando os da aldeia, que existe ao norte; a impossibilidade de*

*podermos ser socorridos do povoado em pouco tempo; o perigo de nos tomarem os caminhos com ciladas, por uniforme acordo de todos, determinei retirar para salvar as vidas e o trem de sua Magestade que sem remedio pereceria tudo em poucos dias sem remedios. ” (SAMPAIO, 2001, p.53)*

Com a vinda da família real, em 1808, um plano de expansão e consolidação dos domínios portugueses foi montado e esse plano incluía a conquista das terras dos Kaingang, o que foi concretizado em 1810 com a expedição comandada por Diogo Pinto de Azevedo. Dali em diante os indígenas da etnia não mais retomariam suas terras, fosse por conta de alianças impostas pelos vencedores ou por guerras de resistência.

*Consolidada a vitória, fazendas foram instaladas nos territórios de Koran-bang-rê e a partir dos contatos estabelecidos com os índios vencidos, estes foram informando aos fazendeiros da existência de outros campos a oeste e sudoeste. Foi assim que, em 1839, os fazendeiros conquistaram e ocuparam os campos de Kreie-bang-rê. No centro de Koran-bang-rê surgiu a cidade de Guarapuava e no Kreie-bang-rê surgiu Palmas, encobrendo prática e simbolicamente os territórios kaingang. (Povos Indígenas do Brasil , 2014)*

Não que não houvesse resistência dos povos indígenas, pelo contrário. Porém, forças militares e doenças faziam com que cada vez mais os índios se entregassem aos não-índios, em guerras que diferentemente daquelas contra os bandeirantes em que estava em jogo a liberdade versus a escravidão, estava em jogo a conquista efetiva da terra que não mais lhes pertenceria, os deixando vivos, livres, mas, súditos de um Império que os colocaria em aldeias ou os absorveria como parte de um esforço “civilizador” onde apenas o modelo europeu vigente era aceito.

*Apesar de todas as guerras dos Kaingang para expulsar os brancos, os caciques foram vencidos um a um e aceitaram fixar-se nos aldeamentos definidos pelo governo, sob pena de serem exterminados, como de fato alguns o foram. Simultaneamente ao aldeamento, os territórios foram sendo ocupados pelas fazendas e a colonização nacional foi se consolidando nas décadas seguintes. No final do século XIX, pode-se dizer que todos os grupos tinham sido conquistados, com poucas exceções: no Estado de São Paulo, os Kaingang da região do Aguapeí ainda resistiam; no Paraná havia dois grupos Kaingang nas florestas entre os rios Cinzas e Laranjinha; em Santa Catarina os Xokleng ainda resistiam e atacavam colonos e transeuntes. A estratégia que garantiu a eficácia da conquista indígena foi a de transformar os grupos aldeados em forças militares a serviço da conquista. Não só instrumentalizaram-se das inimizades já existentes entre os diferentes caciques como multiplicaram e potencializaram essas inimizades. O fato de um grupo aliar-se ao branco produzia a dissidência com todos os grupos resistentes, que eram perseguidos implacavelmente. (Povos Indígenas do Brasil , 2014)*

No Paraná, os últimos índios a aceitarem, por não ter como rejeitar o aldeamento impellido, foram povos Kaingang em 1930, levados para reduções em Ivaí e Santa Amélia no Paraná. Eram pouco mais de 120 pessoas. Eles foram os últimos a resistir. Após essa acomodação forçada, as famílias vêm vivendo nesses espaços e vez ou outra, buscam voltar para suas terras ancestrais onde hoje estão fazendas, causando um novo choque com os atuais proprietários. São as chamadas retomadas, que se agravam em conflitos entre os dois lados concorrentes pelo território. (Povos Indígenas do Brasil , 2014)

Logo, de modo geral, é possível dizer que os povos que potencialmente apareceriam nos relatos noticiosos do Rede Sul enfrentam os mesmos problemas e possuem um histórico de violência que também muito se aproximam. Fatos desse tipo poderiam fazer parte da narrativa jornalística porque apresentam valores notícia.

### Metodologia e estratégia de ação

Para alcançar os objetivos traçados foram recuperadas do arquivo do jornal, aquelas matérias que envolviam a temática indígena. Essas notícias foram classificadas em neutras, positivas e negativas, conforme o exemplo que segue. Quanto às referências

Número do texto	Positiva	Negativa	Neutra

Quadro 02 – Resumo quanto às referências.

Após esse trabalho, foram tratados os valores notícia, observando se possuíam as especificações das quais fala Traquina (2008), que os classifica em critérios substantivos e contextuais. Os substantivos seriam aqueles que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia e os contextuais os que dizem respeito ao contexto da produção da notícia em si. (WOLF, 1987 apud Traquina, 2008, p.78)

Como valores substantivos, Traquina aponta a notoriedade do personagem da eventual notícia, a proximidade em termos culturais e geográficos, a relevância do assunto, a novidade da informação e o tempo que poderá manter-se em destaque. Ainda tratando desses ditos valores de seleção, Traquina chama a atenção para a Notabilidade (inversão, o contrário do normal), Inesperado (aquilo que surpreende a expectativa da comunidade jornalística); Conflito ou controvérsia (violência física ou simbólica entre partes concorrentes) e Infração (violação ou transgressão de regras), Escândalo (dá ao jornalista o papel de “cão de guarda” das instituições democráticas). (WOLF, 1987 apud Traquina, 2008, p.83-85)

Já os critérios contextuais (literalmente referentes ao contexto do fato), são marcados por disponibilidade (facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento), equilíbrio (quanto sobre o assunto já foi publicado), visualidade (o que de imagem há para ilustrar a matéria), concorrência (o que os concorrentes estão dizendo sobre o assunto) e dia noticioso (quantidade de assuntos noticiáveis do dia). (WOLF, 1987 apud Traquina, 2008, p.89).

Essa análise quantitativa e classificatória acabará por sustentar o posicionamento do pesquisador quanto ao papel do veículo frente aos acontecimentos que se dão no cotidiano das populações indígenas do Paraná e que ganham visibilidade para o mundo pelas páginas do jornal.

Para esse trabalho de análise de enquadramento e representação foram utilizadas bibliografias e legislações

que diziam respeito à profissão de jornalista, inclusive o Código de Ética e a Constituição Federal, que colaboraram com a construção da posição defendida pelo autor.

## RESULTADOS

No período de análise foram encontradas duas notícias com a temática indígena. A matéria número 1, publicada em 05 de março de 2014, é negativa e retrata os índios como principais participantes de um saque à uma carga de soja que estava em uma carreta que tombou na rodovia BR 277. Após relatar o acidente, os índios são citados no trecho que fala sobre o roubo da carga de soja que “foi totalmente saqueada por populares e índios que compareceram rapidamente no local em grande número”. O fato teria ocorrido em Nova Laranjeiras, cidade que concentra mais índios na região, aproximadamente 10 mil pessoas;

No segundo caso, também em Nova Laranjeiras, a notícia é neutra e trata de um comerciante que vendia bebidas na aldeia local e que aproveitava para oferecer bebida alcoólica para os moradores, o que é proibido por lei. Ele foi detido pela filha do vice-cacique e por um policial que estava nas proximidades e pediu apoio para os colegas. Ao final, temos a seguinte configuração na tabela:

Número do texto	Positiva	Negativa	Neutra
02	00	01	01

Quadro 02 – Resumo quanto às referências.

Em todas as notícias, as informações primárias que o jornal dispunha não foram coletadas diretamente na fonte. As duas foram buscadas do site “Notícias Policiais”. Quanto aos valores notícia, todas apresentavam pelo menos um valor que dava à pauta o peso necessário para divulgação enquanto notícia jornalística.

## Conclusão

Após a análise das notícias, é possível afirmar que no tratamento noticioso no período recortado, há, no primeiro caso um destaque para a ação de saque por um grupo de moradores e de indígenas, que segundo o site “compareceram rapidamente no local em grande número”.

Na notícia neutra, a número 2, o “vilão” da história é o comerciante que tentou vender bebida para os índios, mas que, segundo o jornal “só foi denunciado porque ofereceu frutas e verduras para a filha do vice-cacique Geraldo e quando ela perguntou o que ele estava vendendo, o mesmo respondeu que além de verduras e frutas ele também tinha bebida alcoólica”. (Rede Sul de Notícias, 2014 ). As duas notícias estão inseridas na editoria de Segurança/Justiça.

Não foram encontradas no mesmo jornal, noticiário que dissesse que Aldeia de Nova Laranjeiras sofre com problemas de alcoolismo e drogas. O problema é tão sério que foi motivo de um encontro promovido pelo Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos – Área das Comunidades Indígenas e pela 2.<sup>a</sup> Promotoria de Justiça de Laranjeiras do Sul/PR. (Portal Cantu, 2014 )

Porém, após o estudo, é possível dizer que mesmo com falhas e com pouca voz aos indígenas das comunidades onde está sediado, o site cumpre seu papel de informar, ainda que de apenas um ponto de vista, que nem sequer é o dele, já que nesse período de análise ficou comprovado que pegaram conteúdo de outro site.

Quantitativamente, a inserção dos indígenas é pouca. Isso porque o site tem espaço em seu layout para inserção diária de 50 notícias. Se levássemos em conta essa média diária, tivemos no período de análise 136 dias com inserção de notícias, ou seja, 6.800 oportunidades para inserção de conteúdo noticioso sobre as comunidades indígenas, das quais, apenas duas foram aproveitadas, uma de forma neutra e outra de modo negativa.

Logo, de fevereiro à 16 de junho, os índios só existiram para o noticiário, quando outros veículos de comunicação assim mostraram. Nem mesmo no Dia do Índio, em abril, houve qualquer notícia positiva ou neutra, uma invisibilidade que não pode ser confundida com a inexistência acima citada.

Talvez um estudo sobre as rotinas de produção possam explicar o porque dessa opção pela invisibilidade das comunidades indígenas dentro do Rede Sul de Notícias, afinal, entendemos nesse trabalho a notícia como um recorte do real influenciado pelo jornalista e pelo ambiente onde ele está inserido, bem como pela formação que ele traz consigo. (Gadini, 2008, p.84). Como esse trabalho não tem esse objetivo, damos por completa a análise das notícias encontradas dentro do período de análise.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. A. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. *Revista Alceu*, v.7, n.13, p. 73 a 84, jul./dez. 2006
- DE GEORGE, I. T. B. ; Cifuentes, J. C. . Conhecimentos (Etno)Matemáticos dos Professores Guarani das Escolas Indígenas do Paraná. In: XIV EBRAPEM Educação Matemática: Diversidades e Particularidades no Cenário Nacional, 2010, Campo Grande - MS. Caderno de Resumos. Campo Grande: UFMS, 2010. p. 125-126.
- FALCONE, K. . O Acesso dos Excluídos ao Espaço Discursivo do Jornal. 1. ed. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras / UFPE, 2005. v. 1.
- FREITAS, Viviane Belizario de. O papel social do jornalismo comunitário: Um estudo do Jornal Cantareira. Centro Universitário Nove de Julho. São Paulo, 2006. Disponível em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- FUNASA/FUNAI, 2008, disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>
- LADEIRA, Maria Inês . A gestão integrada dos recursos naturais do complexo estuarino lagunar de Iguape-Paranaguá. Centro de Trabalho Indigenista, 1994.
- Marques de Melo, J. Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo. IPCJE, 1985.
- Marques de Melo, J. Jornalismo brasileiro. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MARQUES DE MELO, José. Estudos de Jornalismo Comparado. São Paulo: Editora Pioneira, 1972.
- MARQUES, C. N. . Memória Terena: História e Língua, Educação Escolar e Cultura, Identidade e Resistência. 2009.
- SAMPAIO, Affonso Botelho. Descoberta dos Campos de Guarapuava. *Revista Monumental*, v. 3, n. 9, Curitiba, 2001.p. 53
- PALÁCIOS, Marcos (org.). Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo. Volume 1: Modelos. Covilhã, Labcom Books, 2011. Acessível em <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/82>
- SILVA, Ferando Altenfelder. Mudança Cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, N. S., VOL III: 1949.
- SOUSA, J. P. A discussão sobre a introdução do ensino superior do jornalismo em Portugal. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=13](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=13)>. Acesso em: 04 jun. 2012.
- SOUSA, Jorge Pedro (1999). A cobertura imagética da Guerra do Golfo na imprensa portuguesa. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Disponível em [http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php?html2=sousa-jorge-pedro-guerra-golfo.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-jorge-pedro-guerra-golfo.html). Acesso em 04/09/2012
- SOUSA, Jorge Pedro (2002). Por que as notícias são como são? Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em 04/09/2012
- SOUSA, Jorge Pedro. Construindo uma Teoria Multifactorial da Notícia como uma Teoria do Jornalismo. Universidade Fernando Pessoa, Portugal, 2004. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro>

---

construindo-teoria-da-noticia.html. Acesso em 04/09/2012

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2 ed. 2008.

WOLF, Mauro, Teorias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença. 2003.